

## Filhos tiranos

Autor:

Javier Urra. Dr. en Psicología con la especialidad de Clínica y Forense. Primer Defensor del Menor de la Comunidad de Madrid. Escritor.

**Tradução:** Susana Rocha

**Palavras-chave:** tirania, educação, valores, violência familiar

Na rua, num aeroporto, num parque pode-se ver uma criança pequena, muito pequena que dá uma bofetada no rosto que lhe aproxima o avô para receber um beijo.

O avô retrocede, surpreende-se, olha para a criança, sorri-lhe, olha para os pais da criança e observa que a resposta - se a houver - é levíssima, quase um sussurro de repreensão.

A criança volta à carga, e procura a cara do avô para lhe estampar os seus cinco dedinhos.

Requer o antes dito alguma reflexão? Não há palavras. Deve haver respostas, enérgicas, claras, contundentes, rápidas e contentoras. A criança deve compreender e comprovar nesse instante, que o que fez está mal, muito mal, que jamais se lhe permitirá voltar a fazê-lo, nem a tentá-lo. Pais, avós em unísono, por bem da criança e deles não o podem consentir, nem desvalorizar, porque isto é o princípio. A criança em muitos lares converteu-se no dominador da casa, vê-se o que ele quer na televisão, entra-se e sai-se à rua se assim a ele lhe interessa, come-se a gosto das suas apetências.

Qualquer alteração que implique a sua perda de poder, o seu domínio, leva a tensões na vida familiar, a criança vive-se como difícil, deprime-se ou torna-se agressiva. As birras, os choros, sabe que lhe servem para conseguir o seu objectivo. São crianças caprichosas, consentidas, sem normas, sem limites, que impõem os seus desejos ante uns pais que não sabem dizer não.

Quero ver os desenhos animados, já!  
Não gosto de ti, és má porque não me compras chupas!  
Pois já não sou teu filho!  
Não quero fazer os trabalhos de casa e tu não me podes obrigar!

Enraivecem os seus pais, chateiam quem têm a seu redor, querem ser constantemente o centro das atenções, que os oiçam só a eles, são desobedientes, desafiantes. Não toleram os fracassos, não aceitam a frustração. Deitam a culpa aos outros das consequências dos seus actos.

A dureza emocional cresce, a tirania aprende-se, se não se lhe põem limites.

Há crianças de 7 anos e menos que dão pontapés às mães e estas dizem «não se faz» enquanto sorriem, ou que atiram ao chão a sandes que lhe tinham preparado e posteriormente compram-lhe um bolo.

Recordemos essas crianças que todos já conhecemos e que se nos tornam insuportáveis por culpa de uns pais que não põem limites às suas maneiras.

A tirania pode acabar em denúncia dos pais contra algum filho, por achar que o estado de agressividade e violência exercido por este ou esta, afectava ostensivamente o ambiente familiar. Outros factos associados são as fugas do domicílio, o absentismo escolar e as condutas relacionadas com o conflito social. Noutros casos, o filho ou filha entra em contacto com a droga e é a partir daí onde se mostra agressivo/a. Alguns filhos utilizam os seus pais como “caixas multibanco”, chantageiam-nos, ou manifestam um grande desapego em relação aos seus progenitores.

Quem violenta os seus pais?

Geralmente são menores entre 12 a 18 anos, um terço são raparigas e agridem primordialmente a mãe. Carecem da tentativa de compreender o outro, possuem escassa capacidade de introspecção e de autodomínio: «me da el punto/la vena...»<sup>1</sup>

Os tipos diferenciam-se em:

1- *Hedonistas-Nihilistas* (“egoístas”): o mais amplo em número. O seu princípio é “primeiro eu e logo eu”. Alguns utilizam a casa como hotel, os fins de semana passam-nos fora e acham que a obrigação dos pais é alimentá-los, lavar-lhes a roupa, deixá-los viver e subvencionar-lhes todas as suas necessidades ou, melhor dito, pedidos. O não cumprimento das suas exigências supõe uma discussão que acaba em agressão. Um grande número não pratica

<sup>1</sup> Expressão coloquial espanhola que significa excitar-se com alguma ideia que o inquieta ou que o leva a executar uma resolução impensada ou pouco lógica.

nenhuma actividade educativa ou formativa.

2- *Patológicos*: por uma relação amor-ódio mãe-filho ou por problemas com as drogas, o que lhes impulsiona em muitos casos a roubar em casa para comprar substâncias psicotrópicas.

3- *Violência por aprendizagem*: menores que viveram situações de maus-tratos entre os pais ou sofreram de pequenos maus-tratos no seu próprio corpo, juntamente com a falta de controlo dos pais com pautas educativas pouco coerentes ou instáveis. Na adolescência quando a sua idade e físico o permitem “impõem a sua lei” tal como a interiorizaram.

Todos os tipos têm pontos comuns, como os desajustes familiares, o “desaparecimento” do pai, que ou não é conhecido, ou está separado e despreocupado, ou sofre algum tipo de dependência ou não é informado pela mãe para evitar o conflito pai-filho, ou se a realidade é que prefere não se inteirar do que se passa em casa na sua ausência. Não se apreciam diferenças por níveis socio-económico-culturais. Geralmente o filho é único ou o único varão ou o resto dos irmãos mais velhos já abandonaram o lar. Na quase totalidade dos casos não negam a sua participação; mais ainda, relatam-na com tanta frieza e com tal realismo que impressiona de sobremaneira.

A tirania converte-se em hábito ou costume que vai em crescendo, não esqueçamos que a violência engendra violência. As exigências cada vez maiores obrigam necessariamente a dizer um dia NÃO, mas esta negativa não é compreendida, pois na sua história vivida não existiram limites, nem foram aceites.

As *causas* da tirania residem numa sociedade permissiva que educa as crianças nos seus direitos mas não nos seus deveres, onde se instaurou de forma equívoca o lema “não pôr limites” e “deixar fazer”, impedindo uma correcta maturação. Tudo isso por vezes sobre uma falta de valores básicos.

Em relação aos meios de comunicação, e primordialmente a televisão, é inquestionável que o excesso de actos violentos, muitas vezes sexuais, atenuam a gravidade dos feitos.

As funções parentais classicamente definidas diluíram-se, o que é positivo se se partilham obrigações e pautas educativas, mas torna-se pernicioso se há um certo abandono com deslocamento de responsabilidades.

Para prevenir este problema, temos de educar os nossos

jovens desde a primeira infância, ensinando-os a viver em sociedade. Não-de ver, captar e sentir afecto, e é preciso transmitir-lhes valores. Formá-los na empatia, motivá-los sem o estímulo vazio da insaciabilidade, educá-los nos seus direitos e deveres, instaurar um modelo de ética que priorize o raciocínio, a capacidade crítica e a responsabilidade de assumir as consequências que a própria conduta terá para os outros. Ensiná-los a diferir as gratificações, a tolerar frustrações, a controlar os impulsos e a relacionar-se respeituosamente com os outros. Definitivamente: fomentar a reflexão e o diálogo como contrapeso à acção.

Impulsionaremos, homens e mulheres, que a escola integre e dedique mais tempo aos mais difíceis, quebrando este círculo vicioso ocasional: «sai da sala ao corredor, do corredor ao pátio, do pátio à rua». Entre todos, podemos ajudar as famílias a que impere a coerência e se erradique a violência.

#### Bibliografia

- “El pequeño dictador: cuando los padres son víctimas. Del niño consentido al adolescente agresivo” Javier Urra
- “Educar con sentido común.” Javier Urra.